

## Pós-verdade: A Nova Guerra contra os Fatos em Tempos de Fake News

Luiz Fernando Gomes\*

D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news.** Tradução Carlos Szlak – 1.ed – Barueri: Faro Editorial, 2018. ISBN 978-85-9581-017-4

Os brasileiros apoiaram nos últimos cinco anos de forma quase unânime a Operação Lava-Jato ficam, de repente, assombrados, logo nos primeiros meses de 2019, com as notícias publicadas pelo site *The Intercept* que revelam conversas altamente suspeitas entre o juiz Sérgio Moro e procuradores da Lava-Jato durante o processo de julgamento do ex-presidente Lula e outros investigados na operação. Trabalho de hackers criminosos, mensagens adulteradas e alegações de que as conversas não trazem nada de errado, ou seja, nada disso é verdade, alega o juiz.

Um país que viveu nas eleições de 2018 um de seus períodos mais turbulentos politicamente, em que canais de televisão, jornais, emissoras de rádio e as mídias digitais oficiais ou não espalharam informações conflitantes e muitas delas descabidas, que ficamos todos os brasileiros nos perguntando em quem ou em que acreditar. Ao final do pleito, cada um tinha escolhido a sua própria verdade.

O panorama brasileiro não é muito diferente da rede de desinformações que se formou em torno da candidatura de Donald Trump para presidente dos Estados Unidos e do caso do Brexit, na Inglaterra. Melhor seria dizer que vivemos na era da pós-verdade, “uma época em que a arte da mentira está abalando as próprias fundações da democracia e do mundo como o conhecemos.”

O livro de Matthew d’Ancona, um dos mais respeitáveis jornalistas políticos britânicos, nos mostra o longo caminho das mentiras e suas consequências para as sociedades e também discute alternativas de luta que passam pela educação, pela revalorização da verdade, honestidade e responsabilização. Esses valores, alerta ele, não são autossustentáveis e não passarão com a queda deste ou daquele governante. É necessário contra-atacar.

\* Pós-Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), professor Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas (UFAL/FALE), no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPGLL) e no Programa de Mestrado Profissional (PROFLETRAS).

 10.46230/2674-8266-11-2946

Distribuído sob



Publicado em 2018 pela Faro Editorial, o livro tem 142 páginas e está dividido em 5 capítulos. Na Introdução à Edição Brasileira, os editores costumam uma inevitável correlação com os casos britânico e norte-americano recentes com a história do Brasil, que passou, segundo eles, da mentalidade mitopoética à da pós-verdade sem passar pela da verdade. Será praticamente impossível a leitura deste livro sem, a cada momento, o leitor encontrar exemplos brasileiros recentes sobre os tópicos de cada capítulo. Certamente, esse livro vem num momento muito propício para nossas reflexões.

Após um prefácio que contextualiza o interesse do autor pelo assunto, temos o primeiro capítulo intitulado *Quem se importa?: A chegada da era da pós-verdade*, d'Ancona cita 2016 como o ano que lançou a era da "pós-verdade" de forma definitiva. Com ela, o crescimento do populismo, da autocracia e da emoção tomando o lugar da razão. Nessa era, a honestidade e a exatidão não são consideradas prioritárias na política e até a ciência é tratada com suspeição e mesmo com desprezo. Como exemplos, o autor recorre aos dados do site *PolitiFact*, que checa informações e é ganhador do Prêmio Pulitzer, para revelar que 69% das declarações de Trump são "predominantemente falas", "falsas" ou "mentirosas". No Reino Unido, complementa ele, a campanha a favor da saída da União Europeia com slogans comprovadamente não verdadeiros ou enganosos interferiu efetivamente na votação.

Em 2016 o Dicionário Oxford escolheu pós-verdade como a palavra do ano e a definiu como uma forma abreviada para "circunstâncias em que os fatos objetivos são menos influentes em formar a opinião pública do que os apelos à emoção e à crença pessoal." Para ilustrar essa definição, d'Ancona cita um blogueiro americano que escreveu que os eleitores, na eleição de Trump, escolhiam um partido por razões ideológicas, adotavam as opiniões do grupo, desenvolviam argumentos para apoiar essas opiniões e somente então selecionavam fatos para reforçar suas alegações. Na batalha política, explica, são "seus fatos" em contraste com "meus fatos alternativos". Não existe mentira; os fatos são um luxo e, frequentemente irrelevantes. O que importa não é a veracidade, mas a história e o impacto causado. Podemos fazer um paralelo ao que ocorreu no Brasil nas eleições de 2018, com as do EUA, em que Trump prometeu aos eleitores brancos a proibição da imigração de muçulmanos, um muro ao longo da fronteira do México e um retorno ao protecionismo econômico; aqui, a Operação Lava- Jato, políticos do alto escalão presos ou investigados e a promessa do "fim da corrupção". Em ambos os casos foram oferecidos inimigos a serem combatidos; lá, "Tornar a América Novamente Grande" e aqui, "políticos corruptos na cadeia." Nos EUA, d'Ancona diz que o efeito foi narcótico em vez de racional; aqui muitos diriam a mesma coisa.

O autor relata que a mentira tem suas raízes nos tempos tribais, cresceu na Grécia e Maquiavel, em *O Príncipe*, recomenda ao governador que seja "um grande fingidor e dissimulador". Nixon mentiu, Reagan mentiu e Clinton mentiu. Tony Blair fez pose de ser bastante correto, mas o dossiê sobre a Guerra do Iraque foi devastador, embora até hoje ele negue os fatos. Na Polônia, o partido nacionalista no poder, *Prawo i Sprawiedliwość* (Lei e Justiça) disseminou mentiras a respeito de homossexuais, de refugiados que espalhavam doenças e da colaboração entre comunistas e anticomunistas. Sociedades totalitaristas no passado e autocratas dos dias de hoje também são marcadas pela mentira. Matthew d'Ancona diz que não esperamos mais que nossos políticos falem a verdade: isso, por enquanto foi eliminado do perfil ou do cargo ou, no mínimo, relegado de forma significativa da lista de atributos requeridos. Na Rússia de Putin, d'Ancona cita Peter Pomerantsev, autor de um ensaio sobre o tema, em que diz que o que importa

não é a ponderação racional, mas a convicção arraigada. Um bom encerramento desse capítulo é a frase de Alexander Dugin, cientista político: “a verdade é uma questão de crença.[...]Essa coisa de fatos não existe.”

O segundo capítulo recebeu o título: *Você não é capaz de lidar com a verdade!: as origens da era pós-verdade*. Nele, o autor defende que o colapso da confiança é a base da pós-verdade e que toda sociedade bem-sucedida depende de um grau relativamente alto de honestidade para preservar a ordem, defender a lei, punir os poderosos e gerar prosperidade. Outro ponto interessante discutido por d’Ancona é a desconfiança da população sobre o jornalismo decorrente de vários escândalos envolvendo profissionais conceituados. A perda de crédito das instituições também é típica da pós-verdade, pois quando os supostos fiadores da honestidade vacilam, o mesmo acontece com a verdade.

O colapso da confiança e a fragilidade institucional contaram com o multibilionário apoio da indústria da desinformação, da propaganda enganosa e da falsa ciência. O autor cita as organizações de fachada que difundiram mentiras sistematicamente e suprimiram informações a fim de confundir o público e criar controvérsia onde nenhuma antes existia. São os casos das guerras contra a indústria do tabaco, contra os que negam as mudanças climáticas e o aquecimento global. Na era da pós-verdade, semear a dúvida é mais importante do que ganhar no tribunal da opinião pública; importa manter a questão em andamento para garantir que nunca se chegue a uma conclusão pois, com juízes desacreditados, nem o público confiaria nela.

Ainda nesse capítulo d’Ancona fala do bazar digital surgido com a Web 2.0, que substituiu as catedrais da informação checada e investigada antes da publicação. Esta permitiu, segundo o autor, às 5 grandes Google, Microsoft, Apple, Facebook e Amazon serem beneficiárias de quantidades sem precedentes de informações sobre os bilhões de usuários, os chamados *big data*, que podem ser utilizados para melhorar a vida dos navegadores ou para fins escusos. Nesse bazar impera a triagem homofílica, ou seja, nosso impulso de congregação com ideias afins e a criação de bolhas facilitadas pelos algoritmos e hashtags. Além disso, afirmações médicas não científicas, teorias excêntricas e visões imaginárias de discos-voadores, etc. transformam a web num caos. A web, conclui o autor, é o vetor definitivo da pós-verdade, pois é indiferente à mentira, à honestidade e à diferença entre os dois. A questão que fica é: quem pode monitorar o espaço ilimitado?

No Capítulo 3, intitulado: *Conspiração e negação: os amigos da pós-verdade*, d’Ancona diz que a web diminuiu o abismo entre o centro e a periferia e entre o oficial e o marginal. Pesquisa realizada em 2014 informa que cerca de 50% do povo americano endossou ao menos uma teoria da conspiração, como, por exemplo, a de que o governo norte-americano estava envolvido nos ataques de 11 de setembro. As teorias da conspiração seriam tranquilizadoras por sugerirem que há ordem em vez de caos e uma explicação simples para a complexidade da realidade desordenada. A força popular de uma teoria conspiratória não depende de provas, mas do sentimento, que é, afinal, a essência da pós-verdade.

Nessa canoa embarcam as ideias que negam a ciência, como nas campanhas contra a vacinação, a negação do holocausto judeu, a não aceitação da palavra dos especialistas, tudo dentro de um relativismo doentio em que se supõe que todas as opiniões são igualmente válidas.

O quarto capítulo intitula-se *O colapso da pedra filosofal* e nele o autor avisa que é impossível

combater a pós-verdade sem conhecer suas raízes profundas. Após uma discussão sobre as diferentes concepções sobre o pós-modernismo, defendendo a tese de que os textos pós-modernistas prepararam o terreno para a pós-verdade, conclui que este era uma campanha teórica que apelava à esquerda desiludida, ansiando decifrar um século em que as antigas certezas da vanguarda marxista tinham se esfarelado diante dela.

Depois de um passeio pela história americana, pelas ideias de Thomas Jefferson sobre a necessidade da verdade como anteparo contra o autoritarismo e a ditadura, reforçado pela obsessão de Kant pela verdade e de Francis Bacon, que defendia que generalizações fossem feitas apenas ancoradas pelos fatos estabelecidos, d'Ancona conclui que a ascensão da verdade como força coesiva na atividade científica, jurídica, política e comercial foi um feito gradual e conquistado a muito custo. Infelizmente, a organização insensata da informação, da “minha notícia falsa” versus a sua coloca em perigo o valor das provas, dos dados científicos e das leis.

No quinto e último capítulo: *O fedor das mentiras: estratégias para derrotar a pós-verdade* d'Ancona faz referência a algumas grandes civilizações que ruíram, alertando que a sobrevivência da civilização, da razão e da verdade científica não é garantida e que não há pêndulo histórico a indicar que a pós-verdade recuará inevitavelmente. Ou seja, uma sociedade não pode afrouxar na luta em defesa dos valores verdade, honestidade e responsabilização.

O autor alerta para que não se desanime, pois a pior resposta possível é a passividade muda. Diante da sobrecarga de informações, todos nós devemos nos tornar editores, filtrar, checar e avaliar o que lemos. E ensinar a fazer uma leitura atenta e cética é papel primordial da escola. Ensinar a navegar na web com discernimento é a missão cultural mais urgente da nossa época, reforça o autor.

*Tecnologia, cura-te a ti mesma*, é o subtítulo deste último capítulo. Nele o autor cita iniciativas do Google, Apple, Facebook e de grandes empresas jornalísticas e da informática para ver o que pode ser feito para enfrentar as patologias da pós-verdade. O Facebook, por exemplo, está associado a cinco checadores de informações independentes: *ABC News*, *AP*, *Factcheck.org*, *PolitiFact* e *Snopes* para detectar notícias falsas e alertar sobre “conteúdo contestado” antes que sejam compartilhados. A BBC está empenha numa campanha de *slow news*, ou seja, análises e explicações em profundidade para tentar amenizar o chamado ciclo Twitter. Enquanto isso, a empresa controladora do Snapchat divulgou diretrizes de checagem que envolvem os links, que não podem ser “enganosos, capciosos ou fraudulentos”. A luta é acirrada entre aqueles que lucram com o máximo de cliques com o mínimo de verdades.

Enfim, o livro é denso, repleto de informações e dados habilmente coletados e merece uma leitura atenta e anotada. Importante que d'Ancona cobra o papel de protagonista da Educação e da escola, mais especificamente do professor de Língua Portuguesa e o ensino da leitura. Não é possível finalizar essa resenha sem retomar a tese central do livro, que a verdade é um ideal a ser perseguido e não um direito a ser esperado indolentemente e que ela será abafada a menos que façamos um contra-ataque racional e emocional também.